



As penas alternativas vão desde limpeza urbana a consertos de móveis

tos criativos e importantes sobre o tema. Mas esta linha pressupõe dois desafios; o primeiro é criar uma cultura de aplicação desse tipo de pena. Há dois anos produzimos 2.600 vagas em que os presos poderiam prestar serviços à comunidade. Mas conseguimos preencher apenas 100. O segundo desafio é dar credibilidade aos nossos sistemas abertos e semi-abertos. Como eles não são confiáveis, a magistratura se retrai.”

Nilo Batista participou da Conferência de Alternativas às Penas de Prisão, realizada no Rio em outubro deste ano. Na ocasião, lembrou que essa nova postura significa uma mudança no estilo penal. “Durante o Brasil colônia, a pena era imposta no corpo do condenado (açoites e morte). Para o capitalismo industrial, a privação de liberdade era uma maneira de controlar a mão-de-obra. No capitalismo pós-industrial em que vivemos, o que interessa não é mais o homem preso, mas o consumidor em liberdade”, diz.

Durante a conferência, o secretário de Justiça do Rio, Arthur Lavigne, afirmou ser preciso “manter na prisão apenas as pessoas que são perigosas e não as outras. É necessário lutar para dar mais abrangência à legislação de penas alternativas”.

Na opinião de Julita Lemgruber, a solução para popularizar as penas alternativas está em divulgá-las ao máximo entre os próprios magistrados e a população, mas acima de tudo modificar as leis, para que qualquer crime não-violento seja passível de receber uma punição que não seja necessariamente a prisão. ■

As prisões do Primeiro Mundo

Com relação ao sistema carcerário, os problemas do Primeiro Mundo são parecidos com os do Terceiro. Durante sua visita à Inglaterra, Estados Unidos e Suécia, Julita Lemgruber observou que, embora a aplicação de penas alternativas seja mais ampla que no Brasil, esses países também enfrentam o crescimento da população carcerária. Também lá a conscientização sobre a ineficácia e os efeitos nocivos das prisões não conseguiu suplantar a pressão da opinião pública, que exige mais rigor nas punições à medida que aumentam os crimes.

Nos EUA existem 1,25 milhão de presos contra cerca de 2,5 milhões cumprindo penas alternativas. Isto coloca os norte-americanos como os campeões das penas alternativas no mundo. Mas por outro lado abre uma discussão. A maioria destas penas são administradas por ONGs e instituições pagas para tal. Argumenta-se que, assim, elas viram um negócio e como tal são tratadas, sem o devido questionamento sobre a oportunidade (ou não) de sua aplicação.

É um número muito superior ao da Inglaterra, onde 53 mil criminosos estão em penitenciárias e outros 52 mil estão fora da prisão, mas pagando por seus delitos. Nos EUA, aliás, espera-se uma explosão no número de presos, devido à entrada em vigor de novas leis mais rígidas.

De acordo com o relatório de Julita Lemgruber, a despeito do aumento de presos, “verifica-se nos países visitados ampla utilização de alternativas ao encarceramento, havendo até programas específicos para criminosos violentos, embora, em geral, as sanções alternativas destinem-se a crimes menos graves. Paradoxalmente, nos EUA proliferam estudos que in-

dicam a inexistência de qualquer relação positiva entre mais gastos com encarceramento e menores taxas de criminalidade”.

Enquanto o custo de um preso em Nova Iorque varia entre US\$ 32 mil e US\$ 58 mil anuais, o custo de um indivíduo sob *probation* oscila entre US\$ 600 e US\$ 10 mil por ano. Na Inglaterra, um preso custa 25 mil libras por ano, ao passo que, sob *probation* custa 1.272 libras.

Probation é uma pena surgida no início deste século, um período “probatório”, em que o infrator se submete a controles ou atividades, sob pena de ir para a prisão caso não cumpra as exigências. Ele deve se apresentar periodicamente, dando conta de sua situação de moradia e trabalho e também pode ser obrigado a realizar serviços comunitários.

Além disto, existem ainda as alternativas de suspensão de sentenças, multas e prestação de serviços à comunidade.



WORKING WITH EMPLOYERS



Pessoas que cometem crimes leves em Londres costumam ressarcir a sociedade realizando reformas em escolas, asilos e centros comunitários

Na Inglaterra a lei estabelece um mínimo de 40 e um máximo de 240 horas de trabalho gratuito. Em 1990, 38.600 indivíduos receberam esta punição e trabalharam, na maior parte, em instituições privadas sem fins lucrativos. Nos EUA, os juízes podem condenar a no mínimo oito horas de serviços comunitários e no máximo algumas centenas de horas.

A Sherborne House, perto de Londres, é um exemplo de centro de *probation* bem-sucedido. Trabalha com jovens de 16 a 20 anos que tenham cometido crimes graves ou sejam reincidentes. Mais de 90% da clientela têm seis ou mais condenações. Os que cumprem prisão reincidem no crime em 53% dos casos. Já o índice entre os que passam pelo centro é de 36% no primeiro ano depois da pena alternativa. O jovem vai ao centro de 9 às 16 horas diariamente e faz artesanato, fotografia, esporte e passeios dirigidos, além de psicoterapia de grupo.

Todos os condenados a prestar serviços à comunidade na área metropolitana de Londres são encaminhados ao Community Center; em geral são pessoas que cometeram crimes leves. Eles reparam móveis para asilos ou brinquedos para escolas, recuperam prédios, jardins, plantam árvores e colocam papel de parede em asilos, orfanatos, centros esportivos comunitários etc.

O sistema carcerário inglês tem contradições curiosas. Por um lado a ONG Prison Reform Trust denuncia que o país gasta mais alimentando os cachorros que existem nas prisões do que com os próprios prisioneiros. Mas por outro lado, os serviços de penas alternativas são tão confiáveis que os juízes aceitam 3/4 das sugestões encaminhadas a eles no sentido de adotá-los.

Os Estados Unidos são campeões na aplicação de penas alternativas, geridas por ONGs pagas para este fim

Ainda na Inglaterra, o Hereford and Worcester Probation Center encaminha homens envolvidos em acidentes violentos para um grupo de teatro experimental onde se tenta levá-los a pensar nas consequências de seus atos. E mulheres que cometeram delitos leves ficam obrigadas a cursos profissionalizantes e aconselhamentos individuais ou em grupos.

Nos Estados Unidos, Nova Iorque é a cidade que mais oferece penas alternativas. The Court Employment Project destina-se a jovens de 14 a 21 anos condenados por posse de armas, venda de tóxicos e roubos, primários e vivendo em áreas pobres. Atende a mil jovens por ano, em programas de seis meses, e cerca de 75% deles não reincidiram no período de dois anos após o cumprimento da pena. Os condenados recebem atendimento individual, educação profissionalizante e programas de recuperação de drogados.

O Community Service Sentencing Project envolve 70 horas de trabalho comunitário em cada duas semanas e destina-se aos multi-reincidentes de pequenos furtos e posse de drogas. Eles fazem manutenção e limpeza em áreas pobres, edifícios públicos, centros co-

munitários e geram 90.000 horas de trabalho gratuito para a comunidade, avaliadas em US\$ 430.000.

The Fortune Society, ainda em Nova Iorque, foi fundada em 1967 por ex-detentos. Ajuda na recuperação de presos e ex-presos, a maioria acusada de delitos graves. Os "clientes" devem freqüentar a sociedade cinco dias por semana, com acompanhamento individual e em grupo de manhã e aulas à tarde.

Já o El Rio destina-se a viciados em drogas, principalmente o crack (pedras feitas de cocaína bruta consumidas pelos mais pobres). A acupuntura é o principal recurso no combate ao vício. Os condenados fazem diariamente exames de urina e têm controle rígido de freqüência. A brasileira Ana Oliveira é a diretora e idealizadora do El Rio.

Em São Francisco, está a experiência de reabilitação considerada a mais bem-sucedida no país. Chama-se Delancey Street Foundation, um centro residencial e educacional de auto-ajuda para ex-drogados e ex-presos. Cerca de 60% dos residentes estão ali cumprindo penas alternativas. Ocupando um quarteirão inteiro, o prédio abriga 400 pessoas e funciona como uma grande família. Ninguém recebe salário e todos são, ao mesmo tempo, alunos e professores. Os residentes se profissionalizam em oficinas e produzem bens que geram os recursos da instituição, que não recebe um centavo do governo. Entre as atividades, estão gráficas, um restaurante aberto ao público, oficina mecânica, confecção de brindes para firmas e uma companhia de mudanças com 23 caminhões.

Com 60 presos por 100.000 habitantes, a Suécia está entre os países europeus com taxas de encarceramento mais reduzidas. E como a média de penas não ultrapassa três meses, as prisões suecas têm alta rotatividade.

O Código Penal sueco estabelece que as penas privativas de liberdade não devem ser superiores a dez anos nem terem menos de 14 dias. Em casos de reincidência graves, pode-se chegar a uma prisão de 16 anos. A *probation* existe no país desde 1940 e inclui serviços à comunidade e também ensino profissionalizante, recuperação de dependentes químicos e aconselhamento individual. Dependendo do crime, a condenação pode variar de 40 a 200 horas de prestação de serviços comunitários. ■